

ANÁLISE DAS RELAÇÕES DIALÓGICAS E DE PODER EM POSTS DO PERFIL DESIGN ATIVISTA SOBRE A MORTE DE DOM PHILLIPS E BRUNO PEREIRA

Luiz Guilherme de Brito ARDUINO

Universidade Anhembi Morumbi (UAM) / Universidade de Taubaté (UNITAU)

Resumo

Este artigo objetiva investigar as relações dialógicas e de poder a partir de postagens circuladas no *Instagram* do perfil Design Ativista sobre a morte de Dom Phillips e Bruno Pereira, durante uma viagem pelo Vale do Javari no extremo-oeste do Amazonas. Optou-se por utilizar, como fundamentação teórica, a abordagem sociocognitiva dos Estudos Críticos do Discurso (ECD) que, segundo Van Dijk (2002; 2003; 2018), propõe uma discussão sobre discurso, poder e prática social. Também, este estudo está pautado nas relações dialógicas do discurso, conforme Bakhtin (2003). Metodologicamente, esta pesquisa se configura como um estudo de caso, de caráter exploratório e com abordagem interpretativista. Como resultados, percebe-se que os posts fazem uma crítica à barbárie por meio da linguagem gráfica. Entende-se que cada falante ou escritor possui e estabelece enunciados que respondem, concordando ou discordando, a outros enunciados, conforme Bakhtin (2003). Deste modo, os textos selecionados para análise são respostas ao assassinato do jornalista britânico e do indigenista pernambucano.

Palavras-Chave: Relações dialógicas. Relações de poder. Perfil Design Ativista. Instagram.

THE DIALOGIC AND POWER RELATIONS IN DESIGN ACTIVIST PROFILE'S POSTS ABOUT THE DEATH OF DOM PHILLIPS AND BRUNO PEREIRA

Abstract

This text discuss about to investigate the dialogic and power relations from posts circulated on Instagram of the profile Design Ativista about Dom Phillip's and Bruno Pereira's deaths, during a trip through the Javari Valley in the far-west of Amazonas. It was chosen to use, as a theoretical foundation, the sociocognitive approach of Critical Discourse Studies (CDS), according to Van Dijk (2002; 2003; 2018), which proposes a discussion on discourse, power, and social practice. Also, this study is guided by the dialogic relations of discourse, according to Bakhtin (2003). Methodologically, the theoretical basis of the study are: case study, exploratory, and with an interpretivist approach. The results show that the posts criticize barbarism through graphic language. It is understood that each speaker or writer has and establishes statements that respond, agreeing or disagreeing with other statements, according to Bakhtin (2003). Thus, the posts selected for analysis are responses to the murder of the British journalist and the Pernambuco indigenist.

Keywords: Dialogic relations. Power relations. Activist Design Profile. Instagram.

LAS RELACIONES DIALÓGICAS Y DE PODER EN LOS POSTS DEL PERFIL DESIGN ACTIVIST SOBRE LA MUERTE DE DOM PHILLIPS Y BRUNO PEREIRA

Resumen

Este estudio pretende investigar las relaciones dialógicas y de poder a partir de los posts que circulan en Instagram del perfil Diseño Ativista sobre la muerte de Dom Phillips y Bruno Pereira, durante un viaje por el Valle del Javari en el extremo oeste de Amazonas. Se optó por utilizar, como fundamento teórico, el enfoque sociocognitivo de los Estudios Críticos del Discurso (ECD), según Van Dijk (2002; 2003; 2018), que propone una discusión sobre el discurso, el poder y la práctica social. Además, este estudio se basa en las relaciones dialógicas del discurso, según Bajtín (2003). Metodológicamente, esta investigación se configura como bibliográfica, de carácter exploratorio y con enfoque interpretativista. Como resultado, se puede ver que los posts hacen una crítica a la barbarie a través del lenguaje gráfico. Se entiende que cada hablante o escritor tiene y establece enunciados que responden, estando de acuerdo o en desacuerdo con otros enunciados, según Bajtín (2003). Así, los puestos seleccionados para el análisis son las respuestas al asesinato del periodista británico y del indigenista de Pernambuco.

Palabras clave: Relaciones dialógicas. Relaciones de poder. Diseño de activista de perfil. Instagram.

INTRODUÇÃO

O registro de ataques a defensores da Amazônia no Brasil se perpetua desde há algum tempo. Em 1988, o ambientalista, seringueiro e sindicalista Chico Mendes foi assassinado na porta dos fundos de sua casa, no município de Xapuri, no Acre. Após o seu assassinato, Chico Mendes tornou-se símbolo da luta pela proteção da Amazônia. Com a sua morte, o Brasil foi destaque na imprensa mundial e o governo brasileiro sofreu uma pressão internacional para restringir o desmatamento e as péssimas condições de trabalho na Amazônia, além da preservação das terras indígenas. Diante de tal repercussão, foram criadas, no Brasil, as reservas extrativistas. Em 1990, foi homologada, então, a primeira Reserva Extrativista Chico Mendes, doravante RESEX, em Xapuri.

Anos mais tarde, ocorreu o assassinato da missionária americana e naturalizada brasileira, Dorothy Stang, morta aos 73 anos com seis tiros, em fevereiro de 2005. A morte de Dorothy foi em uma emboscada armada em uma estrada de terra, a 53km de Anapu, cidade paraense em que ela vivia. Dorothy foi uma mulher que, ao chegar no Brasil, militou acerca dos movimentos

de proteção ambiental e de defesa dos direitos de trabalhadores rurais envolvidos em conflitos por terra. Ademais, ela foi responsável pela instalação do Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) em um assentamento de trabalhadores sem-terra que exploravam recursos florestais sem agressão ao meio ambiente.

Com uma nova repercussão mundial, durante a gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, aconteceu uma nova pressão para que houvesse o enfrentamento do desmatamento na região Amazônica e a violência contra povos originários e militantes de movimentos sociais. Em resposta, segundo o jornal *Correio Braziliense*¹, o presidente Lula afirmou que não descansaria enquanto os responsáveis pelo assassinato fossem presos.

Após os casos de Chico Mendes e Dorothy Stang, foi criado o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), em agosto de 2007, que foi resultado do desmembramento do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), na gestão de Marina Silva como ministra do Meio Ambiente do governo de Luiz Inácio Lula da Silva. O ICMBio tem como propósito gerir, proteger, fiscalizar as unidades de conservação em âmbito federal.

Em 24 de maio 2011, o casal de ambientalistas José Cláudio Ribeiro e Maria do Espírito Santo também foram assassinados em uma emboscada em Nova Ipixuna, no Pará. O casal atuava na defesa da floresta Amazônica como forma de subsistência e na criação de uma reserva extrativista no assentamento, onde existia uma das últimas áreas nativas de castanha-do-pará na região. Meses antes da sua morte, José Cláudio havia dito em uma palestra que “estava vivendo com uma arma apontada para a sua cabeça”. A partir dos casos mencionados, é possível observar que parte dos defensores da Amazônia se tornam alvos por lutarem por sua proteção.

Assim, em 05 de junho de 2022, o indigenista Bruno Pereira e o jornalista inglês Dom Philips, foram mortos durante uma viagem pelo Vale do Javari no extremo-oeste do Amazonas. A expedição de Bruno e Dom começou no dia 1º de junho e foi motivada por um novo livro intitulado “Como salvar a Amazônia?” que estava sendo escrito pelo jornalista. Dom realizava entrevistas com lideranças indígenas e ribeirinhos e Bruno o ajudava, pois conhecia a região.

A repercussão das mortes de Bruno e Dom teve destaque internacional. Neste contexto, atos de manifestação em defesa e pela justiça por Dom e Bruno, ocorreram em diversas cidades

¹ Disponível em: <<https://www.correio braziliense.com.br/brasil/2022/06/5018021-historico-de-mortes-na-defesa-da-amazonia-vai-alem-de-dom-e-bruno.html>>. Acesso em 11 de agosto de 2022.

como Brasília, São Paulo e Belém. Enquanto nas redes sociais, foram postadas manifestações em diversos perfis e partidos políticos.

No dia 13 de junho, o perfil “Design Ativista” publicou três postagens seguidas no *Instagram*, com ilustrações sobre a morte de Dom e Bruno. O foco das postagens pedia justiça pela vida do indigenista e do jornalista.

Assim, por uma perspectiva dialógica da linguagem, de acordo com o Círculo de Bakhtin, considera-se que todo discurso estabelece relações dialógicas com outros enunciados, pois, todo sujeito traz em seus enunciados outros enunciados que respondem, concordando ou discordando, a outros enunciados (BAKHTIN, 2003, p. 272). Desse modo, este artigo objetiva investigar as relações dialógicas e de poder a partir dos posts circulados no *Instagram* do perfil “Design Ativista” sobre a morte de Dom Phillips e Bruno Pereira.

Este estudo foi escrito à luz da análise sociocognitiva dos Estudos Críticos do Discurso, doravante ECD, e a partir dos postulados do Círculo de Bakhtin no que se refere às relações que os discursos estabelecem. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e de análise interpretativista, na qual percorremos o seguinte caminho metodológico: (a) seleção e apresentação do *corpus* que são três imagens que foram publicadas no perfil “Design Ativista” sobre o assassinato de Dom e Bruno; (b) em sequência, desenvolve-se a análise considerando os quatro estágios propostos por Chouliaraki e Fairclough (1999), que são: (1) a busca pelos aspectos semióticos do problema, (2) identificação dos obstáculos para que esse problema seja resolvido pela análise, (3) Análise Social e (4) Explicação; (c) por fim, discute-se à luz do triângulo - discurso, cognição e sociedade, conforme Van Dijk (2018).

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. Estudos Críticos do Discurso

Os Estudos Críticos do Discurso, doravante ECD, constituem uma abordagem teórico-metodológica multidisciplinar de investigação que tem como o foco na (re)produção de abuso de poder no/pelo discurso. Conforme Van Dijk (2018), os ECD podem dialogar com diferentes abordagens analíticas do discurso e não seguem perspectivas metodológicas fechadas, o que possibilita recorrer às diversas luzes teóricas e caminhos viáveis, conforme a necessidade ao alcance dos objetivos da investigação. Um exemplo que pode ser mencionado é um estudo realizado por Arduino e Lopes (2020) em que analisam o discurso, poder e dominação em *fake*

news do Kit gay nas eleições de 2018, estabelecendo uma interseccionalidade entre a área da Linguagem e da Comunicação.

Essa abordagem é também conhecida como Análise Crítica do Discurso (ACD) ou Análise de Discurso Crítica (ADC). Segundo Lopes e Mendes (2020), a partir dos anos 1990, o termo ECD passou a ser utilizado com maior frequência tornando-se o termo que mais se encontra em uso. Van Dijk (2018) explica que essa terminologia apresenta uma maior abertura para a multidisciplinaridade, pois trata-se de uma abordagem que não possui uma disciplina teórica fechada que utilize metodologias fixas. Lopes e Mendes (2020) ressaltam que os ECD pretendem trabalhar com diversas teorias e métodos de análise, a partir da natureza dos dados estudados e dos objetivos das investigações.

Para Vieira (2020), o objetivo da análise científica dos Estudos Críticos do Discurso deve ir além das descrições objetivas, buscando a interpretação crítica e especializada dos dados, a fim de verificar a conexão e os elementos que compõem a prática social em debate (VIEIRA, 2020, p.21). Em complemento, Lopes e Mendes (2020) comentam que a dimensão crítica diz respeito ao seu engajamento com as pautas sociais alinhadas aos Direitos Humanos, com a equidade e com a justiça social. Considera-se, nesta perspectiva, que algumas práticas sociais podem (re)produzir abuso de poder, dominação, injustiças e desigualdades, nas quais grupos oprimem e dominam outros grupos. Os autores dissertam ainda que o discurso não se trata apenas de um reflexo da realidade, mas também de um instrumento de transformação social.

Os estudos que contemplam a abordagem dos ECD são realizados sempre na perspectiva dos “grupos oprimidos e objetivam denunciar as situações concretas de humilhação de seres humanos, especialmente as perversidades (re)produzidas pelos diversos discursos que circulam Socialmente” (LOPES e MENDES, 2020, p.419).

A fim de proporcionar subsídios teóricos para a análise proposta neste artigo, a seguir, discute-se sobre alguns conceitos fundamentais dos ECD, como discurso, poder e prática social.

1.2. Discurso, poder e prática social

Entre os diversos conceitos-chave dos Estudos Críticos do Discurso, foca-se em três principais para esta pesquisa. O primeiro deles é o discurso que, por uma abordagem sociocognitiva, Van Dijk (2002) define como “um evento comunicativo específico, em geral, e uma forma escrita ou oral de interação verbal ou de uso da linguagem, em particular” (VAN DIJK, 2002, p.192). Van Dijk (2002), ao apresentar uma proposta de análise do discurso, entende que

deva ser compreendidas as relações entre as estruturas discursivas e sociais como instâncias mediadas por uma interface cognitiva, conforme salientam Pereira *et al* (2020). Cabe mencionar ainda que na abordagem sociocognitiva é considerada a dimensão semiótica do discurso, considerando atos e expressões não verbais como imagens, vídeos e esculturas, recorrendo a uma análise multidisciplinar.

O conceito de poder, segundo Van Dijk (2018), pode ser definido como controle de um grupo(s) sobre outro(s), ou seja, controle sobre as cognições individuais, as cognições socialmente compartilhadas e as ações de pessoas e de grupos. Van Dijk (2018) reitera que o poder em si não é algo ilegítimo e que as assimetrias de poder fazem parte das relações sociais, em geral. Contudo, quando esse controle é utilizado para atender a interesses de grupos dominantes, prejudicando os grupos dominados, temos, nesse caso, abuso de poder – prática considerada ilegítima. O autor considera diversas formas de abuso de poder, tais como a dominação, a manipulação, a doutrinação e/ou a desinformação.

Por fim, a prática social para Van Dijk (2003) abarca fatores de ordem pessoal e social, além de conceitos como discurso, poder de memória socialmente construído que favorecem a manutenção do poder. Para o autor, a cognição permeia o elo entre o discurso e sociedade e manifesta-se, pela linguagem, a partir de ideologias existentes na cognição.

Em complemento, Lira e Alves (2018) discorrem que as práticas sociais concebidas como relações de elementos sociais com determinadas áreas da vida social, podem fazer ligações do discurso a outros elementos sociais não discursivos. Os autores mencionam a prática publicitária como exemplo, práticas essas que estabelecem recursos linguísticos específicos para vender um produto/serviço a um público-alvo em uma mídia que este público tem audiência e/ou está engajado socialmente.

A partir dessa discussão sobre discurso, poder e prática social, ainda que brevemente, é essencial compreendermos as relações dialógicas que o discurso estabelece e a intertextualidade para subsidiar a análise.

1.3. Relações Dialógicas do Discurso e a intertextualidade

Segundo Junior e Maior (2020), entende-se que o discurso é, por natureza, dialógico, pois ele se constitui no campo da vida, das vivências humanas, estabelecendo relações dialógicas. O encontro das vozes e seus encontros promovem alguns padrões do dizer e vão constituindo também as relações sociais. Tal concepção relaciona-se com Bakhtin (2018) que discorre que

para estudar o discurso e a linguagem, é necessário olhar para tais relações, pois “a linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam” (BAKHTIN, 2018, p.209).

Em complemento, a concepção sobre as relações dialógicas proposta por Bakhtin (2003) possui uma complexidade que pode ser explicitada em três dimensões. A primeira, trata-se da notória ideia de que um diálogo que é estabelecido por intermédio de enunciados direcionados de um sujeito para outro, ocorrendo uma enunciação por meio dos gêneros discursivos. Segundo Bakhtin (2003), esse sentido do termo dialogismo pode se realizar da forma mais básica. Nessa dimensão, o ouvinte está sempre em posição responsiva ativa ao longo da audição e compreensão do enunciado do outro.

Outra dimensão sobre o dialogismo que pode ser mencionada trata-se de que todo enunciado estabelece relações com outros enunciados ditos anteriormente. Conforme aponta Bakhtin (2003), todo sujeito traz em seus enunciados outros enunciados, não possuindo um discurso original, mas um discurso construído partir de outros enunciados e práticas sociais. Segundo o autor “[...] todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 272). Ou seja, cada falante estabelece enunciados que respondem, concordando ou discordando, a outros enunciados.

A terceira dimensão refere-se às relações dialógicas de um enunciado com enunciados futuros. Bakhtin (2003) afirma que a palavra de um sujeito se direciona a um outro, que irá responder, estabelecendo uma “atitude responsiva ativa”. Assim, para o autor, essa atitude responsiva estabelece por duas formas: a primeira, em uma situação comunicativa, na qual se utiliza um gênero que permita essa resposta imediata do interlocutor, e a segunda, uma situação em que a resposta é feita não de forma imediata, mas que provoca um outro tipo de interação, uma resposta futura do ouvinte, seja por meio do seu discurso ou por meio de seus comportamentos futuros.

Considera-se que as relações dialógicas são partes constitutivas da linguagem humana. As manifestações dialógicas mostram que os enunciados geram efeitos de sentido que só podem ser analisados no contexto de enunciação e estão sempre relacionados a outros enunciados anteriores e àqueles que ainda estão por vir.

Cabe ressaltar ainda que as relações dialógicas do discurso não são desprovidas de sentidos, de ideologia, de voz, conforme Volóchinov (2018), que que “a língua no processo de sua realização prática não pode ser separada do seu conteúdo ideológico ou cotidiano” (VOLÓCHINOV, 2018, p.181).

No que diz respeito à intertextualidade, Fairclough (2003) discorre que esta é a presença de elementos de outros textos nele que podem estar relacionados de diversas maneiras. Bessa e Sato (2018) comentam que a intertextualidade evoca sentidos, significados de outros elementos trazidos à ação por meio de gêneros discursivos para que haja interação.

Deste modo, a intertextualidade está relacionado com o dialogismo, pois sua utilização estabelece relações entre textos, discursos, práticas, imagens, sentidos entre outros, o que vai ao encontro com Bakhtin (2003) que afirma que cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está conectado pela identidade da esfera de comunicação discursiva (BAKHTIN, 2003, p. 297).

Conforme discutido até aqui, os conceitos de discurso, poder, prática social e as relações dialógicas são fundamentais para que se possa analisar o corpus selecionado. Na próxima seção apresentamos a metodologia adotada nesta pesquisa.

2. METODOLOGIA

Segundo Fairclough (2012), os Estudos Críticos do Discurso (ECD) são considerados uma abordagem de análise das relações dialéticas entre semioses e outros elementos das práticas sociais. Assim, preocupa-se, particularmente, com as mudanças radicais na vida social contemporânea, no papel que a semiose tem dentro dos processos de mudança e nas relações entre semiose e outros elementos sociais dentro da rede de práticas. Neste sentido, Bessa e Sato (2018) apresentam três maneiras de atuação da semiose: a primeira, como parte da atividade social inserida em uma prática; a segunda, com a atuação nas representações – processo de construção social das práticas; e terceira, atua no desempenho de posições particulares, ou seja, os sujeitos de diferentes sexos, classes sociais, etnias e culturas com diversas experiências de vida, produzem desempenhos diferentes.

Deste modo, para a análise presente neste estudo, recorreu-se à metodologia proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999) apud Bessa e Sato (2018), que dividem a análise do discurso em 3 estágios, como podem ser observados a seguir:

Quadro 01 – Estágios de análise dialético-relacional

Estágio 1: Buscar os aspectos semióticos do problema.

Cabe ao analista apresentar os problemas que são evidenciados com vistas a requerer soluções e atitudes emancipatórias por parte daqueles que sofrem desnivelamentos de poder.

Estágio 2: Identificar os obstáculos para que esse problema seja resolvido pela análise:

- das redes de práticas das quais emerge o problema;
- das relações entre a semiose do problema e os demais elementos de prática;
- das relações da semiose com outros elementos dentro das práticas: análise da intertextualidade².

Estágio 3: Análise Social e Explicação

Busca-se interpretar o problema identificando onde encontra-se as suas raízes na ordem social. Nesta análise, é importante perceber a formação ideológica sustentando posições de poder. Focaliza-se também em identificar maneiras possíveis para superar os obstáculos por meio da mudança social e refletir criticamente sobre a análise.

Fonte: Adaptado pelo autor da pesquisa a partir de Chouliaraki e Fairclough (1999).

A partir da proposta de Chouliaraki e Fairclough (1999) que orienta metodologicamente este estudo, busca-se investigar as relações dialógicas e de poder que alguns posts publicados no perfil do “Design Ativista” estabelecem, considerando o problema social/temática dos assassinatos à ambientalistas que lutam em prol da Amazônia, focando no caso do indigenista Bruno Pereira e do jornalista inglês Dom Philips.

Após a análise, discute-se à luz do triângulo - discurso, cognição e sociedade, conforme Van Dijk (2018). Para o autor existem relações entre discurso, cognição e sociedade, cuja compreensão é imprescindível para qualquer tipo de análise em ECD, devido ao fato de a pesquisa crítica apresentar uma perspectiva sociocognitiva e relaciona o discurso com poder e as práticas sociais.

Cabe mencionar que para Van Dijk (2018), a cognição é dividida em cognição social (as ideologias socialmente compartilhadas) da cognição individual (constituída pelos modelos mentais, formados pelas “representações individuais da realidade a partir dos conhecimentos adquiridos, experiências vividas, emoções, atitudes, objetivos pessoais, ente outros” (ARDUINO e LOPES, 2020, p. 116). Van Dijk (2018) ressalta que tanto a cognição social quanto a cognição individual, influenciam na interação e no discurso dos membros individuais, enquanto as “representações sociais compartilhadas governam as ações coletivas de um grupo” (VAN DIJK, 2018, p. 117).

² A intertextualidade foi a categoria de análise selecionada para esta pesquisa. Segundo Fairclough (2001; 2003), são apresentadas outras categorias como: coerência, coesão, tema, controle interacional, metáfora, relações semânticas, relações gramaticais, gênero discursivo, interdiscursividade, intertextualidade entre outros.

Já a sociedade segundo Van Dijk (2018), é o conjunto de microestruturas e macroestruturas societais, grupais, institucionais, políticas, formadas por costumes, práticas socioculturais, práticas discursivas e as relações de poder entre os diferentes grupos sociais – permeados por ideologias.

3. ANÁLISE DOS POSTS CIRCULADOS NO INSTAGRAM DO PERFIL DESIGN ATIVISTA SOBRE A MORTE DE DOM PHILLIPS E BRUNO PEREIRA.

Nesta seção de análise, será realizada a apresentação e seleção do corpus que são três imagens que foram publicadas no perfil Design Ativista sobre o assassinato de Dom e Bruno. Num segundo momento, realiza-se a análise considerando os quatro estágios propostos por Chouliaraki e Fairclough (1999), que são: (1) a busca pelos aspectos semióticos do problema, (2) identificação dos obstáculos para que esse problema seja resolvido pela análise, (3) Análise Social e (4) Explicação. Após a análise, discute-se o corpus à luz do triângulo - discurso, cognição e sociedade.

(a) Seleção e apresentação do corpus

Com a repercussão na imprensa nacional³ e internacional⁴ sobre o assassinato do indigenista Bruno Pereira e do jornalista inglês Dom Philips, verificou-se em perfis ativistas posts que tratava do acontecimento ocorrido.

O perfil Design Ativista é destaque porque nele são compartilhadas ilustrações de artistas e designers que protestam sobre as mais diversas lutas sociais e políticas, tais como a denúncia e resistência ao governo Bolsonaro; combate à intolerância sexual, racial e de gênero; a luta pela causa e pelo movimento LGBTQIAP+; a luta contra o racismo e a dignidade do povo negro; o direito, igualdade e respeito da mulheres, dos deficientes e dos indígenas; o incentivo aos processos democráticos como tirar o título eleitor e o direito ao voto; a solicitação e denúncia à crimes de ódio ocorridos na sociedade, como por exemplo o assassinato da vereadora Marielle

³ Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/veja-o-que-se-sabe-e-o-que-falta-ser-solucionado-sobre-a-morte-de-bruno-e-dom/>>. Acesso em 03 de setembro de 2022.

⁴ Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/06/15/veja-a-repercussao-na-imprensa-internacional-da-confissao-de-assassinato-de-bruno-pereira-e-dom-phillips-na-amazonia.ghtml>>. Acesso em 02 de setembro de 2022.

Franco, do jornalista Dom Philips e do indigenista Bruno Pereira, do militante Marcelo Arruda, de Chico Mendes, entre outras vítimas; e divulgação do encontro de designers ativistas.

A partir dessa contextualização do perfil mencionado, foram selecionados três posts no *Instagram* do perfil Design Ativista, os quais são ilustrações que a solicitam justiça pelo assassinato do indigenista Bruno Pereira e do jornalista inglês Dom Philips, conforme pode ser observado abaixo:

Figura 01 – Posts publicados no perfil “Design Ativista” sobre a morte de Dom e Bruno



Fonte: Design Ativista, 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/designativista/>

(b) Análise a partir dos quatro estágios propostos por Chouliaraki e Fairclough (1999)

Estágio 1:

O problema levantado neste estudo diz respeito à morte de Dom Philips e Bruno Pereira no dia 5 de junho de 2022, ambos defensores da Amazônia e protetores dos povos indígenas. A expedição de Bruno e Dom começou no dia 1º de junho e foi motivada por um novo livro que estava sendo escrito, chamado "Como Salvar a Amazônia?" que contava com entrevistas que Dom estava fazendo com lideranças indígenas e ribeirinhos e Bruno estava o ajudando por conhecer a região.

O assassinato evidencia um silenciamento das vítimas, ou seja, abuso de poder de um indivíduo ou grupo dominante em relação ao dominado. Van Dijk (2018) pontua que o abuso de poder significa a violação de normas e valores fundamentais no interesse daqueles que têm, em razão de um status político-apropriativo, são contra os interesses de outrem e que essa violação atinge os direitos sociais e civis das pessoas. Deste modo, questionam-se: quem teria o interesse no silenciamento por meio da morte de Dom e Bruno?; Quais são os motivos da pesquisa de Dom?; Atualmente, como encontra-se a preservação da Amazônia?

Sobre a primeira questão, segundo a informação da Polícia Federal divulgada pela CNN⁵, o crime não teria tido um mandante nem envolvimento de organizações criminosas. Tal informação foi contestada pela União dos Povos Indígenas do Vale do Javari, doravante UNIVAJA, afirmando que os presos Amarildo da Costa de Oliveira e Oseney da Costa de Oliveira fazem parte de organização criminosa que atua no Vale do Javari. Conforme a emissora de TV CNN Brasil, com base no depoimento de Amarildo da Costa de Oliveira, o primeiro suspeito a ser preso, o crime não teria sido premeditado. Amarildo relatou que estava com raiva do indigenista e disse que outras pessoas da comunidade próxima o teriam ajudado no crime.

Em resposta ao segundo e terceiro questionamento, segundo a CNN, a investigação da Polícia Federal revela que Dom e Bruno foram assassinados por conta de denúncias sobre pesca ilegal de pirarucu na região. Conforme a Agência de Jornalismo Investigativo – Pública⁶, dez milhões de reais foi o valor de apenas uma multa aplicada em 2019 pelo Ibama sobre o transporte ilegal de carne do peixe pirarucu na região do Vale do Javari, no oeste do Amazonas. A Agência Pública ainda realizou um levantamento que demonstrou que esse foi o maior valor de multa aplicada pelo órgão em todo o estado do Amazonas num período de 30 anos envolvendo a pesca ou comércio ilegal do peixe.

Além da pesca ilegal ou comércio ilegal de peixe, cabe lembrar que segundo o Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon)⁷, divulgado em 6 de dezembro de 2021, a Amazônia perdeu 10.476 km² de floresta entre agosto de 2020 e julho de 2021, meses em que se mede a temporada do desmatamento. A taxa obtida no levantamento⁸ é 57% maior que a da temporada passada, além de ser a pior dos últimos dez anos. Segundo as informações obtidas pelo Instituto, em julho de 2021, o desmatamento foi 80% maior que o de julho de 2020.

⁵ Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/veja-o-que-se-sabe-e-o-que-falta-ser-solucionado-sobre-a-morte-de-bruno-e-dom/>>. Acesso em 03 de setembro de 2022.

⁶ Disponível em: <<https://apublica.org/2022/06/vale-do-javari-teve-multa-recorde-por-pesca-ilegal-de-pirarucu/>>. Acesso em 04 de setembro de 2022.

⁷ Disponível em: <<https://imazon.org.br/publicacoes/ips-amazonia-2021/>>. Acesso em 04 de setembro de 2022.

⁸ Segundo o site do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), o IPS Amazônia 2021 reúne um conjunto de 45 indicadores sociais e ambientais organizados em 12 componentes e apresenta índices na escala estadual (9 estados) e municipal (772 municípios). O IPS é um método inovador para medir progresso social, uma vez que este foca nos resultados de forma quantitativa. O IPS é calculado a partir de dados secundários públicos provenientes de órgãos oficiais e de institutos de pesquisa e instituições da sociedade civil. Além disso, esse índice é orientado para medir resultados e permite que a sociedade civil, líderes do setor privado, formadores de opinião e dirigentes públicos da esfera municipal, estadual e federal possam orientar as suas políticas públicas e ações a partir de um diagnóstico amplo dos municípios da Amazônia Legal.

A partir de tais informações, questiona-se como o problema pode ser resolvido. No campo da prática social, coube a Polícia Federal investigar e prender os assassinos. Entretanto, o problema não se limita apenas ao caso da morte e sim de uma luta política e social em proteção à Amazônia e aos povos indígenas, pois, quais são as ações e medidas por meio de políticas públicas para combater este cenário por parte do Governo Federal?

Segundo o Jornal da USP⁹, ainda que o Plano de Governo¹⁰ do presidente Bolsonaro que estipula uma série de objetivos e diretrizes para o combate ao desmatamento na região amazônica nos próximos dois anos, práticas realizadas pelo atual governo apresentam incompatibilidades, como é o caso do ministro Ricardo Salles que entrou em confronto público com Alexandre Saraiva, chefe da Polícia Federal no Amazonas, por causa de uma apreensão recorde de madeira feita no Estado em dezembro de 2021. A PF relatou que toda a madeira é de origem ilegal, entretanto, Salles argumentou que não há provas dessa ilegalidade e chegou a viajar duas vezes para o Amazonas, para pressionar pela liberação da carga apreendida, avaliada em R\$ 55 milhões. No mesmo dia da publicação do Plano Amazônia, Alexandre Saraiva apresentou uma notícia-crime contra Salles ao Supremo Tribunal Federal (STF), acusando o ministro de tentar atrapalhar as investigações e no dia seguinte foi retirado do cargo de chefia da PF no Amazonas, sob ordem do novo diretor-geral da PF, Paulo Maiurino. Ou seja, mais um caso de silenciamento por parte do Governo Federal em relação à investigação.

Já no campo da linguagem, discursos podem ser estabelecidos pela sociedade civil em apoio à causa, seja por meio de uma conversa ou comunicação nas redes sociais. Como é o caso dos posts veiculados no perfil Design Ativista. Tais discursos estabelecem relações dialógicas com outros discursos, conforme verificado a seguir.

Estágio 2:

Conforme verificado, o problema central é que a morte de Dom Philips e Bruno Pereira é de prática social. Contudo, na esfera discursiva, o corpus desta pesquisa pode ser considerado como uma resposta a essa prática social ocorrida.

O primeiro post que foi circulado no *Instagram* do perfil Design Ativista, tem o formato de carrossel, ou seja, contendo duas imagens seguidas no mesmo post. A primeira imagem, feita

⁹ Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/plano-do-governo-para-amazonia-mantem-desmatamento-em-alta/>>. Acesso em 04 de setembro de 2022.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-3-de-9-de-abril-de-2021-314033004>>. Acesso em 04 de setembro de 2022.

pelo artista Cristiano Siqueira, é exposto os rostos das vítimas nas cores preto e branco e com o fundo na cor laranja, escrito “JUSTIÇA POR DOM E BRUNO”. Já na segunda imagem, feita pela artista Inicida, há um desenho da *Tower Bridge*, localizada na cidade de Londres, no Reino Unido, com as cores amarelo, vermelho e azul. Na emblemática ponte, há a seguinte frase “Where are Dom Philips & Bruno Pereira?”. As imagens ilustradas, verificadas a seguir, se relaciona diretamente com a investigação sobre a morte de Dom e Bruno, que na data de publicação do post ainda não havia sido encontrado o assassino.

Figura 02 – Post 1 publicado no perfil Design Ativista sobre a morte de Dom e Bruno



Fonte: Design Ativista, 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/designativista/>

Partindo de um referencial teórico da Psicologia das Cores, o qual auxilia para a realização de uma análise que estabelece relações com a linguagem gráfica, é possível verificar que na primeira imagem, a cor laranja de fundo contribui para chamar a atenção destacando as figuras de Dom e Bruno nas cores preto e branco. Conforme menciona Heller (2021), a cor laranja além de ser considerada uma cor exótica e da sociabilidade, ela foi usada, durante muito tempo, na publicidade como um recurso visual intromissivo. Muitos anúncios publicitários eram feitos em letras alaranjadas e/ou com fundos laranjas para chamar a atenção dos consumidores, que rejeitavam a cor por ser intrusiva. Além disso, Heller (2021) comenta que a cor laranja também pode ser considerada a cor do perigo, considerando que muitos venenos são identificados com uma caveira com um fundo laranja. Também cabe ressaltar que na França, por exemplo, a fase amarela do semáforo é chamada de “laranja fogo”. O preto e branco das figuras de Bruno e Dom representam o luto, a perda da vida, a tristeza que pode ser representada com a falta de cores, como a combinação do preto e branco.

Na segunda imagem ainda deste primeiro post, pode ser observado a Ponte da Torre na cor vermelha em predominância, que pode ser articulada com o sangue das vítimas assassinadas. Conforme Heller (2021) o vermelho vai do amor ao ódio, da vida à morte, considerando a cor do sangue humano e suas relações culturais e históricas, como sacrifícios, mortes, perseguições e guerra. Quando utilizado em uma ilustração em que está relacionado à morte de indivíduos, há uma intensificação no discurso, por uma perspectiva semiótica da linguagem.

O segundo post selecionado para a análise também foi circulado no perfil do Design Ativista e foi feito pelo designer Matheus Carvalho. Como é possível observar abaixo, temos a bandeira do Brasil em preto e branco e no lugar das estrelas há a figura de cruzeiros. Além disso, no lugar de “Ordem e progresso” está escrito “Justiça por Bruno e Dom”.

Figura 03 – Post 2 publicado no perfil Design Ativista sobre a morte de Dom e Bruno



Fonte: Design Ativista, 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/designativista/>

O preto e branco representa o luto, principalmente quando associado a mortes, como é o caso da imagem divulgada. Nesse post, há um Brasil retratado de uma forma diferente do que é muito divulgado mídia, como um país verde, das florestas, da diversidade cultural. Na imagem, observa-se um Brasil obscuro, marcado por mortes, como as de Bruno e Dom. Referente a cor

preta, Heller (2021) considera como uma cor do fim, da dor, da negação e do luto¹¹, buscando promover tais sensações na ilustração.

Por fim, o terceiro post publicado em formato de *carrossel* no dia 13 de junho de 2022 conta com duas imagens. A primeira, feita pelo artista Rodrigo Dias, apresenta a representação gráfica de um iceberg em que na ponta temos o acontecimento da morte de Bruno e ao fundo, o restante do território representativo do estado Amazonas. O discurso presente nessa imagem pode ser compreendido que esse caso de Bruno e Dom é apenas um pedaço pequeno dos enormes ataques que a Amazônia tem sofrido, principalmente nos últimos anos. A cor vermelha na imagem remete ao sangue derramado de tantos defensores da Amazônia que lutaram para a defesa da fauna, da flora e dos povos indígenas que habitam na floresta. A justiça, linguagem verbal em caixa alta, é para todos eles, conforme se observa na imagem abaixo:

Figura 04 – Post 2 publicado no perfil “Design Ativista” sobre a morte de Dom e Bruno



Fonte: Design Ativista, 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/designativista/>

Já a segunda imagem, feita pelo designer e historiador Thiago Lucas, como pode ser observado acima, há no mar uma representação de uma impressão digital na cor vermelha, representando o sangue das vítimas. Também é possível identificar o barco que foi um dos principais recursos para locomoção que Bruno e Dom usaram durante a pesquisa na Amazônia.

¹¹ Cabe mencionar que a cor preta, bem como as demais cores citadas na análise, não possuem significados ou transmitem apenas sensações negativas. Neste estudo, busca-se estabelecer relações com esse negativo, pois o artigo é escrito em uma investigação de uma prática social de morte de dois homens defensores da Amazônia.

Nessa ilustração, percebe-se as cores da bandeira: o verde, na floresta; o azul, no rio; o amarelo, no barco; e o vermelho, como sangue no rio, formando uma impressão digital.

As imagens geram um impacto visual no leitor e permitem diversas significações por meio do contexto em que foram circuladas. Todos os posts verificados estabelecem relações dialógicas com o fato da morte de Bruno e Dom, sendo uma resposta de artistas e designers diante da barbárie, pois segundo Bakhtin (2003), cada falante estabelece enunciados que respondem, concordando ou discordando, a outros enunciados e que cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está conectado pela identidade da esfera de comunicação discursiva (BAKHTIN, 2003, p. 297). É possível observar, portanto, que por meio da intertextualidade, são estabelecidas relações entre textos, discursos, práticas, imagens e sentidos.

Os assassinatos de Bruno e Dom podem ser considerados, em uma esfera discursiva, como um silenciamento de fatos e comprovações futuras, resultantes das pesquisas de Dom que alertavam e expunham fatos sobre os ataques que a Amazônia vem sofrendo. Esse silenciamento é um ato de abuso de poder que beneficiam um grupo de pessoas para que haja uma continuidade com o desmatamento, com os ataques aos povos indígenas, com a pesca ilegal, entre outros tipos de ataques à Amazônia. Nota-se que trata-se de uma forma de controle a fim de atender a interesses de grupos dominantes, prejudicando os grupos dominados (no caso as vítimas), ocasionando segundo Van Dijk (2018) como abuso de poder, uma prática considerada ilegítima.

Estágio 3:

O Brasil encontra-se em um desastre ambiental, social e político. Além dos discursos baseados na violência, no ódio e contra os direitos de diversos grupos, como mulheres; negros; LGBTQIA+; e povos indígenas, atual governo estabeleceu um conjunto de medidas que evidenciam um problema de ordem social, política e ambiental. Segundo o site bolsopedia.org¹², o Brasil tem hoje os maiores índices de desmatamento da década, com 40% do pantanal devastado por incêndios em 2020. A gestão tem atuado para favorecer latifundiários desmatadores e grileiros, que lucram com a criação de gado, plantação de soja, garimpo clandestino e venda de madeira ilegal. Em 2019, o Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles

¹² O site foi produzido com a finalidade de criar uma memória do governo Bolsonaro com informações verificáveis pela imprensa sobre diversos temas de importância para os cidadãos brasileiros. O levantamento dos dados foi realizado por um coletivo independente e apartidário, o mesmo que atuou auxiliando os senadores na CPI da Covid.

exonerou 21 dos 27 superintendentes regionais do Ibama¹³; Bolsonaro demitiu o responsável no INPE pelo monitoramento do desmatamento, após a divulgação pelo órgão de dados sobre o aumento do desmatamento da Amazônia¹⁴; depois de desmontar esquema de garimpo ilegal em Terras Indígenas, Bruno Pereira é demitido do cargo de coordenador da Funai e em 2022¹⁵, foi assassinado.

Em 2020, o Ministro Ricardo Salles demite diretor do IBAMA após operação contra garimpeiros ilegais¹⁶; o governo demite coordenadora do Inpe responsável por monitorar desmatamento que apontou um aumento de devastação ambiental na Amazônia¹⁷. Já em 2021, o governo nomeia como diretor do Ibama um militar sem formação ambiental¹⁸ e enfraquece o INPE com a retirada do órgão divulgação sobre dados de queimadas¹⁹, entre outros acontecimentos que marcam o atual governo.

Em 2022, o BNDES emprestou R\$ 29 milhões para desmatadores da Amazônia financiarem tratores²⁰; o presidente da Funai acumulou pedidos de investigação contra indígenas²¹; são barrados concursos e a Funai chega ao menor número de funcionários desde 2008²²; após denunciar crimes cometidos contra povos indígenas no Maranhão, o indigenista Ricardo

¹³ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/exoneracao-de-superintendentes-do-ibama-uma-questao-de-alinhamento-com-novo-governo-diz-ministro-23492163>>. Acesso em 12 de setembro de 2022.

¹⁴ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/08/04/interna_politica_784914/bolsonaro-confirma-que-solicitou-exoneracao-de-diretor-do-inpe.shtml>. Acesso em 12 de setembro de 2022.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.brasilefato.com.br/2019/10/14/apos-combater-mineracao-ilegal-em-terras-indigenas-coordenador-da-funai-e-demitido>>. Acesso em 12 de setembro de 2022.

¹⁶ Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/meio-ambiente/salles-demite-diretor-do-ibama-apos-operacao-contr-garimpeiros-ilegais/>>. Acesso em 12 de setembro de 2022.

¹⁷ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2020/07/governo-demite-coordenadora-do-inpe-responsavel-por-monitorar-desmatamento.shtml>>. Acesso em 12 de setembro de 2022.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.metropoles.com/columnas/guilherme-amado/governo-nomeia-como-diretor-do-ibama-militar-sem-formacao-ambiental>>. Acesso em 12 de setembro de 2022.

¹⁹ Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-13/governo-bolsonaro-enfraquece-o-inpe-e-retira-do-orgao-divulgacao-sobre-dados-de-queimadas.html>>. Acesso em 12 de setembro de 2022.

²⁰ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/reporter-brasil/2022/02/14/bndes-empresta-desmatadores-amazonia-tratores.htm>>. Acesso em 12 de setembro de 2022.

²¹ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/06/presidente-da-funai-acumula-pedidos-de-investigacao-contr-indigenas.shtml>>. Acesso em 12 de setembro de 2022.

²² Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/06/governo-bolsonaro-barr-concursos-e-funai-chega-a-menor-numero-de-funcionarios-desde-2008.shtml>>. Acesso em 12 de setembro de 2022.

Henrique Rao pediu asilo diplomático na Noruega, pois relatou que a Abin e a FUNAI foram atrás dele²³.

A partir das informações levantadas e da análise realizada até aqui, considerando também as inferências feitas pelo pesquisador analista do discurso, nota-se que o problema é de ordem social. A análise revela nitidamente que esse problema trata-se de um abuso de poder por meio de um silenciamento de indivíduos que denunciam ataques à Amazônia, resultando em mortes, ou seja, ultrapassa a esfera discursiva.

Em resposta a isso, as imagens que compõem o corpus de análise, feitas por um grupo de artistas e designers, respondem a esse abuso de poder como um ato de manifestação, pedindo que a justiça seja feita.

(c) Análise à luz do triângulo - discurso, cognição e sociedade

Em relação ao discurso, as imagens postadas no perfil Design Ativista dialogam como um ato responsivo de um grupo social em manifestação, usando múltiplas formas de linguagem: linguagem verbal escrita, e linguagem não verbal – representações visuais, que produzem significados para quem lê as imagens.

No que se refere à cognição, a partir das considerações de van Dijk (2018), nota-se que as imagens possuem uma ideologia contrária ao atual governo, o qual estabelece medidas de silenciamento no âmbito discursivo e com quem denuncia os ataques à Amazônia (prática social), conforme comprovado pelas notícias citadas nos parágrafos anteriores. A ideologia do corpus é uma crítica e ao mesmo tempo uma exigência por justiça.

Já em relação à sociedade, compreende-se que as linguagens não verbais analisadas denunciam o abuso de poder social no/pelo discurso. Essa repercussão promove um ativismo para uma parte da sociedade que não se cala perante o silenciamento de pessoas que buscam defender uma das maiores riquezas que o Brasil possui, a Amazônia. E não somente ela, mas buscam defender, respeitar e garantir os direitos dos povos indígenas.

²³ Disponível em: <<https://sul21.com.br/noticias/entrevistas/2022/06/a-abin-foi-na-funai-atras-de-mim-conta-indigenista-que-deixou-o-pais-para-nao-morrer/>>. Acesso em 12 de setembro de 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo investigar as relações dialógicas e de poder a partir das postagens circuladas no *Instagram* do perfil Design Ativista sobre a morte de Dom Phillips e Bruno Pereira. Como resultados, percebe-se que os posts fazem uma crítica à barbárie por meio da linguagem verbo-visual na mídia. A ação do assassinato gerou um ato responsivo de parte da sociedade brasileira que exige justiça por meio dos diversos recursos midiáticos, como posts nas redes sociais.

O perfil Design Ativista denuncia o silenciamento de Bruno e Dom e estabelece uma importância na sociedade por representar a indignação de muitos brasileiros em relação aos assassinatos de pessoas que lutam pela Amazônia. Com as informações apresentadas, observa-se que o silenciamento é feito, muitas das vezes, pelo governo Bolsonaro. No caso de Bruno e Dom, os assassinos foram presos pela Polícia Federal.

Por meio da análise presente neste artigo, nota-se as relações entre o discurso e o contexto social em que enunciados são ditos. Também, é possível considerar o discurso como uma prática social responsiva a outros discursos ou à outras práticas sociais, conforme visto na análise.

Considera-se ainda que este texto possui relevância para futuros estudos que buscam analisar as relações dialógicas e de poder em posts nas redes sociais. O artigo também contribui para a investigação dos Estudos Críticos do Discurso no que diz respeito aos aspectos metodológicos e articulações teóricas com a área da Comunicação.

REFERÊNCIAS

- ARDUINO, L. G. de ; LOPES, M. O. Entre a Comunicação e o Discurso: poder e dominação em fake news do “Kit Gay” nas eleições presidenciais de 2018. In: RIBEIRO, A. T. (org). **Inovação, comunicação e tecnologia: arranjos e mutações em contexto de sociedade da informação**, 1.ed. – Curitiba, PR: Bagai, 2020.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. O discurso em Dostoiévski. In: BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski** Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.
- BESSA, D; SATO, D. T. B. Categorias de análise. In: BATISTA JR, J. R. L. B; SATO, D. T. B; MELO, I. F de. **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2018.

BRASIL. Conselho Nacional da Amazônia Legal. **Plano Amazônia 2021/2022**. Brasília, DF, 2021. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-3-de-9-de-abril-de-2021-314033004>>. Acesso em 04 de setembro de 2022.

CHOULIARAKI, L; FAIRCLOUGH, N. **Discurso na Modernidade Tardia**: Repensando a Análise Crítica do Discurso. Edimburgo: Edimburgo University Press, 1999.

CNN. Veja o que se sabe e o que falta ser solucionado sobre mortes de Bruno e Dom, 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/veja-o-que-se-sabe-e-o-que-falta-ser-solucionado-sobre-a-morte-de-bruno-e-dom/>>. Acesso em 04 de setembro de 2022.

ESCOBAR, H. Plano do governo para Amazônia mantém desmatamento em alta. **Jornal da Universidade de São Paulo**, 2021. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/plano-do-governo-para-amazonia-mantem-desmatamento-em-alta/>>. Acesso em 04 de setembro de 2022.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London; New York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N; MELO, I. F. de **Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica**. Linha D'Água, vol. 25, n.2, p. 307 a 329, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/47728>>. Acesso em 28 de agosto de 2022.

HELLER, E. **A psicologia das cores**. Como as cores afetam a emoção e a razão. São Paulo: Olhares, 2021.

JÚNIOR, R. dos S. M.; MAIOR, R. de C. S. As relações dialógicas e os discursos envolventes sobre a condição histórico-social de uma mulher amante. **Bakhtiniana. Revista De Estudos Do Discurso**, v.15, n.4, 2020. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/49383>>. Acesso em 20 de julho de 2022.

LIRA, L. C. E; ALVES, R. B. C. Teoria social do discurso e evolução da análise de discurso crítica. In: BATISTA JR, J. R. L. B; SATO, D. T. B; MELO, I. F de. **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2018.

LOPES, M. O; MENDES, E. dos S. O canto da Sueli: análise de um discurso dissidente em luta antimanicomial. **Polifonia**, Cuiabá-MT, v.27, n.49, p. 01 a 490, out-dez., 2020. Disponível em:<<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/10754>>. Acesso em 20 de julho de 2022.

PEREIRA, A. da S.; TEIXEIRA, L. M. S.; PEREIRA, R. S. Discurso. In: IRINEU, L. M; PEREIRA, A. dos S; SILVA, A. de P. N; SANTANA, A. L. dos S; LIMA, F.H.R de; SANTOS, S.F. dos. **Análise de Discurso Crítica**: conceitos-chave. 1 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. de M. **Análise de discurso (para a) crítica**: O texto como material de

pesquisa. Coleção: Linguagem e Sociedade Vol. 1. Campinas, SP : Pontes Editores, 2011.

SANTOS, D; VERÍSSIMO, A; SEIFER, P; MOSANER, M. Índice de Progresso Social na Amazônia Brasileira – **IPS Amazônia 2021**. Belém: Imazon e Amazônia 2030, 2021. Disponível em: <<https://amazon.org.br/publicacoes/ips-amazonia-2021/>>. Acesso em 04 de setembro de 2022.

VIEIRA, V. A Crítica como arte de fazer-se crítica. In: IRINEU, L. M; PEREIRA, A. dos S; SILVA, A. de P. N; SANTANA, A. L. dos S; LIMA, F.H.R de; SANTOS, S.F. dos. **Análise de Discurso Crítica: conceitos-chave**. 1 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

VAN DIJK, T. A. **Cognição, discurso e interação**. (Org. e apresentação de Ingedore V. Koch). 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e Poder**. (Org. Judith Hoffnagel, Karine Falcone). São Paulo: Contexto, 2018.

VAN DIJK, T. A. **Ideologia y discurso: una introducción multidisciplinar**. Barcelona: Ariel, 2003.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

Luiz Guilherme de Brito ARDUINO

Doutorando em Design pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM). Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté (UNITAU), especialista em Comunicação, Semiótica e Linguagens Visuais, pela Braz Cubas Educação e graduado em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Taubaté (UNITAU). Bolsista PROSUP/CAPES/ PPG Design da Universidade Anhembi Morumbi. É membro do Grupo de Pesquisa em Arte e Design: Algumas confluências e tensões históricas pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM), do Grupo de Pesquisa em Linguagens, conteúdos educacionais e mídias contemporâneas e do Grupo de Estudos Críticos do Discurso, ambos pela Universidade de Taubaté. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6997590117371265> ORCID 0000-0001-5262-098X. Endereço eletrônico: lguilherme.br.designer@gmail.com